

A INDUSTRIALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E AS SUAS REPERCUSSÕES NAS ARTES VISUAIS

THE INDUSTRIALIZATION OF EDUCATION AND ITS IMPACT ON THE VISUAL ARTS

Helena Sofia Pires Ferreira¹

RESUMO:

O presente artigo visa analisar a forma como o sistema educacional adotado na atualidade pelas sociedades democráticas atua sobre os mecanismos de avaliação de saberes dos alunos das artes visuais e em que medida esses mecanismos são responsáveis por uma formação artística deficitária, do ponto de vista da autonomia e criatividade daqueles. Para isso, iremos apresentar um breve enquadramento da origem da escola pública ocidental e o aparecimento de estratégias pedagógicas modernas que focavam a sua atenção na individualidade do aluno. Iremos também abordar e discutir sobre a necessidade de uma educação estética em torno da cultura visual na era da informação e das imagens, considerando a necessidade e urgência da consciencialização e preparação dos indivíduos para a capacidade de análise e crítica para tomada de decisões assente numa escolha informada e ativa e não alienada e passiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Estética; Cultura Visual; Indústria Cultural; Ideologia; Artes visuais.

ABSTRACT:

The present article aims to analyze the way the educational system currently adopted by democratic societies acts upon the evaluation mechanisms of visual arts students' knowledge, and to what extent are these mechanisms responsible for an artistic training deficiency, in terms of their autonomy and creativity. In order to do so, we will present a brief background of the origin of the western public school and the emergence of modern pedagogical strategies that focused its attention on student's individuality. We will also address and discuss the necessity of an aesthetic education around the visual culture in the era of information and images, considering the necessity and urgency of raising the awareness and preparation of individuals to the ability of analysis and criticism for making decisions based on an informed and active choice and not an alienated and passive one.

KEYWORDS: Aesthetic Education; Visual Culture; Cultural Industry; Ideology; Visual Arts.

01 – INTRODUÇÃO

Quando chega a altura em que a competição para a entrada na universidade se torna intensa, é rara a escola secundária que insiste em reservar para as artes o tempo necessário para tornar frutuosa a sua prática. Raras são, ainda, as instituições em que uma preocupação com as artes é conscientemente justificada pela compreensão de que elas contribuem de forma indispensável para o desenvolvimento de um ser humano racional e imaginativo. (Arnheim, 1969, p.3, tradução nossa)

¹ Doutoranda em Belas-Artes, mestra em Ensino das Artes Visuais, especialista em Educação Artística e licenciada em Artes Plásticas pela Universidade de Lisboa. Investigadora da mesma Instituição. Currículo: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=1194597706952597>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Como o próprio Arnheim refere, a preocupação com os exames nacionais por parte de toda a comunidade escolar, é um factor impeditivo para o desenvolvimento da criatividade, imaginação e autonomia do sujeito em desenvolvimento. Em consequência da busca por melhores resultados, os programas curriculares do agrupamento das artes (entre outros) e a própria abordagem dos professores aos métodos de ensino, têm vindo a caminhar no sentido de provocar nas crianças e nos jovens a sensação de dependência absoluta sobre aquele preciso momento de avaliação final, e sobre o qual depositam todo o seu futuro profissional e por consequência a sua felicidade.

Não se pretende com esta discussão discordar da existência dos exames nacionais, muito pelo contrário. Pretende-se discutir a necessidade de haver uma consciência educativa que viabilize a exigência (e até mesmo a pressão que dela advém), a criatividade e imaginação, promovendo a curto, médio e longo prazo a cidadania e autonomia, e não uma em substituição da outra.

O ato de educar, tal como a origem da palavra indica², deve dar lugar à busca de novos conhecimentos e reformulações dos mesmos, através da sua experiência e criatividade, e assim procurar novos caminhos que o permitam lançar para o futuro, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo. A interiorização do saber em si mesmo (no sujeito), por si só, não conduz à plenitude do conhecimento. É preciso que o sujeito transforme dentro de si, aquilo que recolhe de fora por via da educação, das vivências, das relações sociais, para poder devolver ao mundo a sua própria visão do mesmo. Só assim a educação terá cumprido o seu papel: o de contribuir para uma sociedade plural composta por indivíduos livres e autónomos capazes de, através da sua singularidade e originalidade, contribuir para o desenvolvimento da sua comunidade.

Por que razão nos deparamos com um sistema educacional direccionado sobretudo para a aquisição de saberes construídos? Os exames nacionais são uma porta para o futuro, ou são apenas promessas de uma felicidade cujo resultado será a formatação de indivíduos aptos apenas para a manutenção do sistema capitalista que os formou? É neste sentido que iremos refletir sobre um conjunto de ideias à luz

² A palavra educar tem origem etimológica do latim *educere* (ex= fora; ducere=conduzir) que significa “conduzir para fora”.

de algumas teorias de autores que nos permitiram situar este fenómeno da educação na sociedade capitalista.

02 – O ADVENTO DA PEDAGOGIA MODERNA

Com o aparecimento e desenvolvimento da escola pública no século XIX, surgiu a necessidade de desenvolver um ensino unificado através de estratégias e metodologias de aprendizagem em massa. Mas esta nova democracia educacional, que em certa medida veio trazer o ensino a todas as classes sociais, promovia a homogeneização cultural e cognitiva de cada indivíduo em detrimento de um ensino que considera a pluralidade das características individuais de cada aluno com uma mais-valia na formação do mesmo e que viabilizam o enriquecimento de toda a comunidade escolar.

Este conceito de pedagogia moderna, a saber, o relacionamento entre o “conhecimento construído” e a sensibilidade natural do aluno, veio introduzir uma nova abordagem psicopedagógica assente na formulação de discursos sobre o *ser* e não apenas sobre o *saber* (Ó, 2006, p.1). Sob este princípio, defendia-se uma transformação no sistema educacional que “levaria a declarar-se cientificamente a falência da pedagogia tradicional, autoritária, uniformizadora e que havia esquecido a livre iniciativa e a inventividade própria do aluno, no apelo constante que fazia ao exercício estereotipado e à memorização estupidificante.” (Ó, 2006, p.1).

Como consequência destas novas práticas de formação da subjetividade humana, por parte de políticas governamentais internacionais, o universo escolar desenvolveu mecanismos que interligassem as capacidades criativas dos alunos com as operações de formação de conduta e identidade características da sua época e cultura e ao serviço do estado. Ou seja, estamos perante uma ideia de construção de liberdade imposta que vem do exterior, ao invés de uma liberdade proveniente do interior de cada indivíduo, isto é, assente no seu carácter intelectual, cognitivo, emocional e nas suas experiências, vivências e necessidades.

A escola enquanto instituição social, característica da sociedade moderna, tem adoptado novas estratégias no seu processo de estabelecimento de relações sociais, às quais podemos chamar *tecnologias de governo* (Foucault, *apud*

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Ó, 2006). O uso destas tecnologias por parte da classe dominante, com o objectivo de disseminar a sua ideologia, serviram também para transformar a cultura num produto de mercado. Ou seja, a produção cultural e intelectual deixam de ter um carácter de expressão e de crítica, para serem envolvidos num processo de comercialização como objecto de consumo e de influência na formação de valores e ideias.

Segundo Adorno, a Indústria Cultural opera dentro de uma cultura económica e capitalista que, por um lado viabiliza a integração do indivíduo neste mesmo sistema, por outro impossibilita-o de ter uma atitude crítica de reação a esse tipo de cultura. Isto quer dizer que o sujeito é levado a crer que ele tem poder para adotar um determinado tipo de cultura, quando na verdade se trata de consumir a ideologia vigente do estado. Esta ideia foi já fundamentada por Althusser em 1918, quando este afirmava que a escola é um *aparelho ideológico de estado*, na qual se processa a aprendizagem de saberes da ideologia da classe dominante, cujo objectivo é o de perpetuar as relações de produção capitalista de que o estado depende (Althusser, 2003). Esta afirmação terá provocado alguma agitação na comunidade escolar e especialmente nos professores, quando a estes lhes foi atribuído o papel de “agente explorado” pelo estado. Mas, na verdade tais afirmações, de algum modo, proporcionaram o confronto e a discussão acerca do estado de alienação em que se encontravam, e conseqüentemente, deram lugar à tomada de consciência de que eram apenas peças num jogo de xadrez.

E, uma vez sendo o poder político a determinar a estrutura do sistema de ensino escolar de cada país, com base na sua ideologia e estratégias de governo, este exerce influência sobre o processo de ensino/aprendizagem que irão por sua vez caracterizar cada cultura. Ora, a atitude educacional determinada pelos estados, promove a passividade do sujeito no que diz respeito à sua capacidade de gerar o seu próprio conhecimento e visão do mundo, mesmo que este se baseie na reprodução de conhecimento. Isto é, o sistema educacional secundariza uma aprendizagem com base, no raciocínio, na lógica e diálogo entre educador e educando, desenvolvido ao longo de um processo que deveria ser de transação e não apenas de transmissão de conhecimentos. Como resultado, o que acaba por acontecer, é a valorização da passividade, ou seja, a formação de indivíduos

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

incapazes de se autonomizarem numa determinada escolha ou posição, transformando-os em consumidores em vez de produtores. Sobre este assunto, Jorge Ramos do Ó, apresenta-nos uma interessante ideia que metaforiza este binómio *consumidor/produtor*:

Todas as nossas aprendizagens escolares têm como base a leitura, a nossa mundividência remete para a verdade que é expressa no livro. Ora, o que é espantoso é que todas as avaliações de conhecimentos reclamam produtos escritos. (Ó, 2007, p.110).

Nesta oposição de conceitos, a saber, *aluno-leitor* e *aluno-escriptor*, em que relacionamos direta e respectivamente com os conceitos de consumidor e produtor, verificamos que, o sistema educacional de uma sociedade pós-moderna, é apenas uma ferramenta que serve o propósito do estado, para a formação de indivíduos com a capacidade de alimentar a máquina capitalista. Para isso, o estado, investe numa educação virada para a produção de consumidores que, por sua vez, estão alienados do mecanismo que os apetrechou de técnicas e saberes e que lhes deu a ilusão de que se tornarão detentores da capacidade de produção.

03 – EDUCAÇÃO ESTÉTICA E CULTURA VISUAL NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

O objectivo de uma reforma do sistema educacional não é produzir mais obras de arte, mas pessoas e sociedades melhores. (Herbert Read, 2007, 79)

O desenvolvimento tecnológico, a par das profundas mudanças na nossa sociedade e na relação entre os indivíduos, possibilitou aos meios de comunicação a possibilidade de se reconfigurar a todo o instante, e com isso ganhar poder e influenciar o comportamento e valores dos indivíduos.

Os meios de comunicação são hábeis na apropriação dos códigos da linguagem imagética com o objetivo de seduzir o consumidor a adquirir um determinado produto, atitudes ou valores. A imagem visual tem a particularidade de agregar conceitos que oferecem uma leitura fácil e por vezes isenta da necessidade de uma interpretação e crítica autónomas por parte do sujeito que a confronta.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Walter Benjamin (1992), no seu ensaio *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, chamara a atenção para o facto de que o estatuto aurático da obra de arte havia sido alterado na medida em que, a reprodução de imagens tornou-se numa ferramenta política ao potenciar a democratização da informação, disponibilizando ao público em geral o acesso a bens culturais e artísticos. E, neste sentido, a ausência de uma cultura visual tornou-se numa forma de poder do estado para assim manter o controlo sobre o povo.

Ao longo do século XX, teóricos e pedagogos da educação vieram trazer à discussão a urgência de uma educação artística assente na consciencialização estética do indivíduo e na sua capacidade crítica sobre imagens visuais, de forma a apetrechá-lo sobre os códigos da linguagem imagético-visual, para que este possa adquirir a capacidade de análise e crítica fundamentais para a vivência plena na era da imagem e da informação e assim formar a sua própria opinião.

Ainda nos dias de hoje, perante uma sociedade pós-moderna, caracterizada pelas mudanças tecnológicas, a educação artística opera através de práticas educativas modernas, mas fortemente influenciada pelos métodos tradicionais. Isto porque apesar de defenderem uma escola que possibilite uma aprendizagem artística de carácter autónomo e singular a partir das vivências das crianças e jovens, o que é certo é que esta criatividade e expressividade continua ainda relegada para segundo plano em prol de um padrão cultural já massificado e instituído na nossa sociedade. Neste sentido é também importante pensar como é tratada a informação veiculada pelos meios de comunicação nas escolas, e em que medida são desenvolvidos os conceitos de cultura e identidade de cada aluno dentro da comunidade escolar.

Dos vários autores que defendem que a arte pode ser um veículo para a compreensão do desenvolvimento emocional, intelectual, físico, perceptual, social, estético e criador do sujeito desde a sua infância, salienta-se Herbert Read, que defendia que o sistema educacional, em qualquer nível de conhecimento científico, deve apoiar-se na arte para fazer emergir o temperamento e personalidade de cada criança. O que é um fator determinante naquilo que seria “a essência da democracia que reside no individualismo, variedade e diferenciação orgânica” (Read, 2007, p. 17). Read defende ainda a tese de Platão na qual “a arte deve ser a base da

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

educação” (2007, p.13), na medida em que, uma educação apoiada numa conceção de democracia, promove a liberdade, variedade e diferenciação dos indivíduos com o objetivo de formar artistas, isto é, “bons produtores” – indivíduos eficientes nos diversos modos de expressão, que incluem a arte e também a ciência – para que assim haja harmonização entre estes e dentro do grupo social a que pertencem.

A educação é, pois um meio para o desenvolvimento da realização pessoal do aluno através do seu potencial. E neste sentido quando falamos de educação estética podemos dizer que falamos de educação no seu sentido lato, isto é uma educação dos sentidos, que promove a sensibilização do ser humano e a sua capacidade de se relacionar com aquilo que constitui o mundo sensível, para assim poder dar o seu contributo assente na sua própria experiência.

04 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atendendo ao universo do ensino nas Artes Visuais em Portugal, por exemplo, e tomando como exemplo a Geometria Descritiva, verifica-se que esta ainda é, nos dias de hoje, uma das disciplinas basilares do currículo artístico, uma vez que serve de acesso ao ensino superior na maioria dos cursos artísticos. Mas este sistema de avaliação focalizado na memorização de saberes técnicos e científicos inviabiliza uma aprendizagem apoiada no desenvolvimento da criatividade e autonomia do aluno e com isto, não contempla outras formas de avaliação de currículos para a entrada na universidade como seria por exemplo a avaliação de portfólios, currículos e eventuais entrevistas.

O sistema educacional ocidental a partir do ensino básico adota uma aprendizagem formal baseada na lógica do pensamento, o que acaba por distorcer o espírito criativo do pré-adolescente. Sob este modelo, acredita-se que é desta forma que o indivíduo se torna bem ajustado à sociedade e possivelmente um bom “produtor”. Mas a escola não forma indivíduos para a descoberta do desconhecido, ela é um modelo de sociedade que produz em cada um de nós uma adequação singular acerca de questões universais. Ou seja, a escola de hoje produz homogeneidade e a vivência por comparação, em detrimento da variedade, individualidade e autonomia; ela formata alunos sobre aquilo que já existe

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

impossibilitando a aquisição de competências para a resolução de impasses, que só pode acontecer se for dada a oportunidade a cada indivíduo de expressar o seu potencial criativo.

Pretendemos afirmar que a escola é um instrumento do estado para a formação de indivíduos “consumidores”, na medida em que todo o sistema educacional assenta numa estrutura de reprodução de conhecimento, ao invés de uma estrutura que incentive e estimule o pensamento crítico, a inovação, logo a produção e a criação incessantes. Tal acontece porque a escola segue um modelo institucionalizado, que demarca desde muito cedo o percurso dos jovens com o fim último na entrada para a universidade. Desta forma, as crianças e adolescentes sofrem desde cedo a pressão do êxito, sem que no entanto tenham ainda o amadurecimento biológico necessário, para o entendimento da utilidade dos estudos e da obtenção de um emprego (Dubet, 1998, pp. 2-3).

Esta corrida ao sucesso profissional é por vezes independente do sucesso emocional e pessoal de cada indivíduo, sendo que no decorrer do seu percurso académico (em que lhe foi feita a promessa de felicidade, ou seja, a promessa de fazer aquilo que gosta) lhe foi suprimida a sua “autoexpressão” e criada a ilusão de que se tornou num indivíduo autónomo e capaz de produzir de forma criativa dentro da sua atividade profissional.

Ainda sobre este tema e referindo-nos agora a uma autora contemporânea, Martha Nussbaum escreve que um estudante com liberdade de espírito pode ser considerado “perigoso”, na medida em que, o que os governos pretendem são trabalhadores tecnicamente formados, para que se possa atingir o desenvolvimento tecnológico necessário para manter a competitividade e produtividade de cada estado. A autora defende ainda que se deve evitar a todo o custo que a educação se torne num instrumento do produto nacional bruto de cada país:

Ávidos de sucesso económico, os países e os seus sistemas educativos renunciam imprudentemente a competências que são indispensáveis à sobrevivência das democracias. Se esta tendência persistir, em breve vão produzir-se pelo mundo inteiro gerações de máquinas úteis, em vez de cidadãos realizados, capazes de pensar por si próprios, de pôr em causa a tradição e de compreender o sentido do sofrimento e das realizações dos outros. (Nussbaum, 2010, p. 2, tradução nossa)

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Consideramos, portanto, que a educação não se esgota na ciência e que é possível conciliar uma educação direcionada para o crescimento económico, com uma educação verdadeiramente democrática que defenda a utilidade das Artes e das Humanidades. Ou seja, estes dois tipos de educação não se devem anular mutuamente, mas sim, a par dos saberes lógico-formais, tecno-científicos, entre outros, a educação deve apelar ao sentido de autonomia e da função crítica do homem. Como resultado desta noção de intersubjetividade, cada indivíduo poderá dotar-se de uma maior sensibilidade à presença do outro, que resulta numa disponibilidade para viver em comunidade assente na cidadania democrática e no respeito pelas outras culturas.

06 – REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado (Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado)*. 9ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2003.
- ARNHEIM, Rudolf. *Visual Thinking*. Berkeley: University of California Press, 1969.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.
- DUBET, François. A Formação dos Indivíduos: A Desinstitucionalização. *Revista Contemporaneidade e Educação*, ano 3, vol.3, 1998, pp.27-33.
- NUSSBAUM, Martha C. *Not for Profit. Why democracy Needs The Humanities*. New Jersey: Princeton University Press, 2010.
- Ó, Jorge Ramos do. A criança transformada em aluno: a emergência da psicopedagogia moderna e os cenários de subjectivação dos escolares a partir do último quartel do século XIX. In SOMMER Luís H.; BUJES, Maria Isabel E. (Coords.), *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Editora ULBRA, 2006, pp. 281-304.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Ó, Jorge Ramos do; COSTA, Marisa Vorraber. Desafios à escola contemporânea: um diálogo. *Revista Educação & Realidade – Escola, Aprendizagem e Diferenças*. Porto Alegre: Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 32, n. 2, 2007, pp. 109-116.

READ, Herbert. *Educação Pela Arte*. Coimbra: Edições 70, 2007.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número X Jul-dez 2014	Trabalho 04 Páginas 37-46
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	